

**PSICANÁLISE E SURREALISMO:
JACQUES LACAN, UM LEITOR DE ANDRÉ BRETON?**

*PSYCHOANALYSIS AND SURREALISM:
JACQUES LACAN, A READER OF ANDRÉ BRETON?*

Rafael Eduardo Franco¹

José Francisco Miguel Henriques Bairrão²

Resumo: O artigo problematiza a influência de concepções psicanalíticas – como as de inconsciente e de associação livre – na constituição da experiência surrealista de linguagem, concebendo-a não exatamente como representação mimética dos avatares psicanalíticos, e sim como atividade que inaugura, por meio da transformação de conceitos freudianos, relações específicas entre inconsciente, descentramento do eu e linguagem. No interior dessa perspectiva, argumenta-se que o uso surrealista da linguagem configurar-se-ia frutífero para o campo psicanalítico pós-freudiano, já que supostamente se apresenta, em paralelo à linguística de Saussure e à antropologia estrutural de Lévi-Strauss, como chave mediadora para a reformulação da psicanálise freudiana feita por Lacan no chamado Retorno a Freud.

Palavras-chave: Psicanálise. Surrealismo. Jacques Lacan. André Breton. Linguagem.

Abstract: This article problematizes the influence of psychoanalytic concepts – such as the unconscious and free association – in the constitution of the surrealist experience of language, conceiving it not precisely as a mimetic representation of psychoanalytic avatars, but as an activity that inaugurates – through the transformation of Freudian concepts – specific relations amongst the unconscious, decentering of the Self and the language. Within this perspective, it is argued that the surrealist use of language would configure itself as fruitful for the post-Freudian psychoanalytic field, since it supposedly presents itself – in parallel with the linguistics of Saussure and the structural anthropology of Lévi-Strauss – as a mediating key for the reformulation of Freudian psychoanalysis of Lacan in the so-called Return to Freud.

Keywords: Psychoanalysis. Surrealism. André Breton. Jacques Lacan. Language.

Introdução

O Surrealismo francês, centrado na figura de André Breton, estrutura-se como um movimento diretamente associado à teoria freudiana, na medida em que encontra na psicanálise uma das principais referências para o desenvolvimento de sua experiência de linguagem, assim como para problematizar o descentramento do eu, a partir de suas produções literárias. Investiga-se, em certa medida, a influência de concepções psicanalíticas - como as de inconsciente e de associação livre - na constituição dessa experiência linguagem, denominada escrita automática.

Em consonância aos trabalhos de Jacqueline Chénieux-Gendron (1992), concebe-se esse processo de produção literária não exatamente como reproduções dos avatares psicanalíticos. Com efeito, o surrealismo - especificamente em sua versão bretoniana - concebe o inconsciente freudiano, e daí a sua dinâmica, a partir de uma perspectiva estética,

¹ Doutorando em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Projeto de pesquisa: "O Retorno a Freud: Jacques Lacan, um leitor de André Breton?". Universidade de São Paulo (USP). Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - 19/16894-7).

² Livre-docente, Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo, Projeto de Pesquisa "Sujeito e Alteridade: Processos Culturais e Subjetivação".

segundo a qual o termo não é empregado em seu sentido nominal (tal como ocorre em Freud), e sim em sentido adverbial: como modo específico que orienta (qualifica) a ação - a escrita literária. Mais do que um conceito, diz respeito precisamente a um ato de escrever, a atividade feita inconscientemente, cuja legitimidade se localiza no fazer imediato e espontâneo, não consciente.

Segundo essa perspectiva, entende-se que a escrita automática se estrutura como um empreendimento que inaugura relações específicas entre inconsciente, descentramento do eu e linguagem, a partir da apropriação e da transformação dos conceitos freudianos, tal como verifica-se em diversas obra de André Breton, como *Les Champs Magnétiques* (BRETON; SOUPAULT, 1968) e *Primeiro Manifesto Surrealista* (BRETON, 1985a). Ao expressar o ditado do inconsciente, a escrita automática se aproxima, assim, menos do inconsciente em si, e mais exatamente do pensamento falado (BRETON, 1985a), cujo corpo nocional bordeia o território da fenomenologia, especificamente a concepção husserliana de *Lebenswelt* (CHÉNIEUX-GENDRON, 2002).

Entretanto, o contato de Breton com os textos originais de Freud, traduzidos ao francês, a partir de 1920 - especialmente *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (FREUD, 1966a), *O Chiste e suas Relações com o Inconsciente* (FREUD, 1966b), *O Ego e o Id* (FREUD, 1996e) e *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1996d) -, transforma as suas reflexões sobre a escrita automática. A partir dessa nova perspectiva, o precursor do surrealismo aprofunda ainda mais a transformação do edifício freudiano, com o objetivo de fundamentar uma reflexão sobre a linguagem, articulada ao pensamento sobre o sujeito, em termos de trabalho, de economia energética e da ligação (*Bindung*) que aí se manifesta (CHÉNIEUX-GENDRON, 2002). Por meio dessa reformulação, a escrita automática cede lugar à escritura automática, estabelecida com base no estruturalismo, conforme verifica-se em narrativas como *L'Imaculée Conception* (BRETON; ÉLUARD, 2011), *Introduction au Discours sur le peau de Réalité* (BRETON, 1992) e *Revolver à Cheveux Blancs* (BRETON, 1932).

Essa subversão da teoria psicanalítica promovida pela escritura automática se configura frutífera ao campo pós-freudiano, especialmente aos trabalhos de Jacques Lacan, no que diz respeito às problematizações em torno da linguagem, do trabalho do significante e da dinâmica do sujeito, no Retorno a Freud. Em outros termos, o terreno freudiano no qual Lacan cultivou e colheu – com instrumentos oferecidos pela linguística e pela antropologia estrutural – a teoria sobre o simbólico, sobre o trabalho do sujeito e do significante, pode ter sido,

anteriormente, arado pela experiência surrealista da linguagem. Segundo essa perspectiva, consideramos que a escrita automática intermedia o trabalho do psicanalista francês com a teoria freudiana. Em outras palavras, a experiência surrealista da linguagem seria um substrato para que Jacques Lacan encontrasse, em conjunto com outras referências, uma forma de “filosofia da linguagem” nos processos de subjetivação e, correlativamente, uma ontologia do sujeito, inexistentes em Freud.

A problematização do artigo é conduzida pelos princípios metodológicos de Victor Goldschmidt, propostos em *Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação de Sistemas Filosóficos* (1963). Nesse sentido, analisam-se especificamente as relações genéticas que as ideias de André Breton estabelecem com as reflexões de Jacques Lacan. Em outros termos, verificam-se, conforme as proposições de Goldschmidt (1963), as origens das ideias de Lacan, em função da possível influência que o pensamento de Breton exerce sobre a constituição de concepções que o psicanalista desenvolve em torno do sujeito e da função significante da linguagem, no Retorno a Freud.

Com base em tais perspectivas, o texto visa suplementar os estudos que investigam a relação entre surrealismo e psicanálise, posto se somar a trabalhos que problematizam a influência do espírito surrealista sobre os eixos (R.S.I.) propostos por Jacques Lacan (CARDINALI, 2019), bem como se juntar a estudos que analisam a presença desse espírito em outros conceitos da teoria lacaniana (PORTILHO, 2019).

1 André Breton e a psicanálise: *gênese e estrutura da escrita automática.*

Em agosto de 1916, André Breton assume o cargo de médico assistente no *Centre de Neuropsychiatrie de la Ite Armée*, em Saint-Dizier. É nesse contexto que o jovem médico, aspirante a escritor literário, descobre as primeiras publicações, em língua francesa, relacionadas à teoria freudiana, especialmente os trabalhos de Emmanuel Régis e Angelo Hesnard: os compêndios *Précis de Psychiatrie* (RÉGIS, 2003) e *Psychoanalyse des névrose et des psychoses* (RÉGIS; HESNARD, 2002). Embora esses textos apresentem diversas particularidades nocionais que marcam o processo de difusão da psicanálise na França, eles se configuram como pedra angular à formação de Breton (ROUDINESCO, 1988). Esses trabalhos lhe apresentam a centralidade do inconsciente na teoria psicanalítica, bem como a pertinência da associação livre no trabalho analítico, ressaltando, assim, a função nevrálgica da linguagem em psicanálise.

A partir da influência das obras de Régis e Hesnard, Breton lança-se à experimentação de escutar os pacientes de Saint-Dizier, conforme a teoria freudiana – especialmente a associação livre: “Foi lá [Em Saint Dizier] [...] que pude experimentar, junto aos enfermos, os processos de investigação da psicanálise, em particular o registro, a fins de interpretação, [...] de associações de ideias incontroláveis” (BRETON, 1994, p. 39, tradução nossa). A experiência adquirida leva-o a reconhecer as associações não apenas como substrato para o tratamento psicanalítico, mas também a vislumbrá-las como ato genuinamente poético. Concebe-as como ato poético, uma vez que contestam – tal como fazem parte da tradição literária – os interditos da linguagem (CHÉNIEUX-GENDRON, 1992). Sendo assim, mesclam o desejo ao discurso, o eros à vida, o inconsciente ao consciente, em favor da poesia como ato de espírito e não puramente estético, estilístico e mimético.

A partir dessa perspectiva, o jovem estudante de medicina escreve, em 15 de agosto de 1916, ao poeta Guillaume Apollinaire: “[...] nada me encanta tanto como as interpretações desses enfermos [...]. Minha sorte é [...] submeter o artista à prova análoga” (BONNET, 1992, p. 131, tradução nossa). Nesse sentido, desenvolve um método específico de criação literária, o qual é inspirado na experiência de linguagem revelada pela psicanálise – sobremaneira na associação livre:

[...] Tão ocupado estava eu com Freud nessa época [de Saint-Dizier], e familiarizado com os seus métodos de exame, que eu tivera alguma ocasião de praticar em doentes durante a guerra, que decidi obter de mim mesmo o que se procura obter deles, a saber, um monólogo de fluência tão rápida quanto possível sobre o qual o espírito crítico do sujeito não emita nenhum julgamento, que não seja, portanto, embaraçado com nenhuma reticência, e que seja tão exatamente quanto possível o pensamento falado (BRETON, 1985a, p. 54-55).

Denominada escrita automática, esse procedimento se estrutura, segundo Durozoi e Lecherbonnier (1976), como “ditado do inconsciente”, isto é: o “ditado [...] na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral” (BRETON, 1985a, p. 58). Consiste na operação de linguagem que suspende, em alusão a Freud, as forças de censura e repressão, a fim de expressar as moções do inconsciente: “as profundezas de nosso espírito, que escondem estranhas forças capazes de aumentar as da superfície [...]” (BRETON, 1985a, p. 40-41).

Para tanto, o procedimento consiste, segundo Breton revela, em *Segredos da Arte Mágica Surrealista*:

Mande trazer com que escrever, quando já estiver colocado no lugar mais favorável possível para concentração do seu espírito sobre si mesmo. Ponha-se no estado mais passivo, ou receptivo, dos talentos de todos os outros [...] Escreva depressa sem assunto preconcebido, bastante depressa para não reprimir, e para fugir à tentação de

se rler. A primeira frase vem por si, tanto é verdade que a cada segundo há uma frase estranha ao nosso pensamento consciente, pedindo para ser exteriorizada. [...] Continue enquanto lhe apraz. Confie no caráter inesgotável do murmúrio (BRETON, 1985a, p. 62-63).

A partir dessa perspectiva, verifica-se que a psicanálise se configura como inspiração para o surrealismo, uma vez que ela é empregada como modelo para a construção de sua experiência de linguagem. Entretanto, o surrealismo de André Breton desenvolve perspectivas próprias em relação à psicanálise, que vão para além do arranjo teórico proposto por essa teoria. Com efeito, ele transforma, em função de seus princípios, a organização conceitual da psicanálise, especialmente no que diz respeito à dinâmica do inconsciente (*Unbewusste*). De sua parte, a teoria psicanalítica concebe-o como sistema negativo (*Un*), posto determinado por uma operação de negação – recalcamento (*Verdrängung*), recusa (*Verleugnung*) ou forclusão (*Verwerfung*) –, que o transforma em topos separado das instâncias consciente e pré-consciente. Sua revelação ocorre, nesse sentido, por meio da atividade de retorno, tal como as formações substitutivas, que positiva a negatividade anterior.

Por sua vez, a estrutura da escrita automática é concebida - tal como argumentam Durozoi e Lecherbonnier (1976), como sistema positivo, que desconsidera tal negatividade imposta ao aparelho psíquico, revelando-se pura ação, isto é, ela se configura como fonte de invenção no interior de um sistema de signo, orientada pelo fazer imediato que subleva os interditos impostos sobre a linguagem. Sendo assim, o surrealismo proposto por André Breton concebe o inconsciente freudiano de forma adverbial. Não se trata de considerá-lo - tal como proposto por Freud, em sua teoria - em seu sentido nominal, e sim como qualitativo de ação. Segundo essa perspectiva, o inconsciente, tal como compreendido por Breton, diria mais respeito ao ato de escrever inconscientemente, cuja validade é determinada pelo fazer imediato, espontâneo e não consciente: “O inconsciente dos surrealistas é um inconsciente produtor. Sua legitimidade e seu valor são dados em função de um fazer poético que o surrealismo desejaria imediato e espontâneo” (TLATLI, 2000, p. 20, tradução nossa).

2 Escrita automática: do inconsciente freudiano à fenomenologia

Em função dessa transfiguração, a escrita automática não visa à mimese da psicanálise e de seus conceitos operatórios, tampouco à construção de uma psicanálise poética – por meio da qual versos são tomados como deciframento do inconsciente ou como substrato ao equacionamento de impasses de subjetivação. Ao contrário, a transformação que o surrealismo de André Breton promove da noção de inconsciente freudiano - somada ao descentramento do eu e à exploração da linguagem propostos por sua experiência de

linguagem – retira a escrita automática do campo psicanalítico e a insere propriamente no campo da literatura. Essa perspectiva é verificável, a partir de textos fundamentais ao espírito surrealista, dentre os quais: *Les Champs Magnétiques* (BRETON; SOUPAULT, 1968) e *Primeiro Manifesto Surrealista* (BRETON, 1985a).

Ao se implicar com a expressão do ditado do inconsciente, a experiência surrealista de linguagem, tal como proposta por André Breton, distancia-se, assim, do inconsciente freudiano, e se aproxima mais do pensamento falado (BRETON, 1985a). Nesse sentido, a sua estrutura conceitual faz borda ao campo da fenomenologia, especificamente à concepção husserliana de *Lebenswelt* (CHÉNIEUX-GENDRON, 2002). Esse conceito designa o conjunto de experiências pré-científicas – anteriores à atividade concreta do pensamento científico –, no qual o ato de pensar é livre da forma teórica das ciências naturais e das ciências do espírito, – portanto, dos efeitos éticos e filosóficos que elas implicam: diz respeito à relativização da consciência teórica, com o objetivo de ampliar e aprofundar a compreensão do mundo, por meio do que é previamente dado à consciência.

Em consonância com essa concepção, a atividade automática apresenta-se precisamente como “operação por meio da qual a linguagem é direcionada à experiência que precede a própria linguagem” (CHÉNIEUX-GENDRON, 2002, p. 78), isto é, ela produz um modelo textual que antecede a coerência lógica da linguagem enquanto forma legítima e exclusiva de representação do mundo. Segundo essa perspectiva, o texto automático reconduz, tal como o *Lebenswelt*, à experiência do pré-verbal – território no qual impera o visual, a imagem (verbal e pré-figurativa), bem como onde reina a língua cantada, que resiste aos efeitos de sentido dados pela inscrição na linguagem. Em outros termos, ele se ocupa em exprimir o palavreado do pensamento (pensamento falado), o ato que não se substancializa e coisifica na linguagem enquanto sistema científico: conforme apontado, “[...] o pensamento na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação crítica ou moral” (BRETON, 1985a, p. 32).

Segundo a leitura crítica de Jacqueline Chénieux-Gendron (2015), o texto automático qualifica-se, ainda, como fenomenologia, por assim dizer, de cunho selvagem, posto a sua inscrição no campo pré-científico desdobrar-se em atividade vetorizada fundamentalmente pela imaginação. Ao romper com a função enunciativa e intelectiva, bem como com o sistema formal da linguagem, a escrita automática valoriza, de acordo com essa perspectiva, menos a condição significativa da palavra - materialidade para a expressão das representações inconscientes, segundo Freud - e mais propriamente o seu simples efeito de signo. A atividade

automática oferece - nesse momento teórico do movimento surrealista - vazão às imagens que clivam as disposições histórica, cultural e formal da linguagem, com o objetivo de colocar a imaginação no centro do pensamento: “só a imaginação me dá contas do que pode ser, e é bastante para suspender por um instante a interdição terrível; é bastante também para que eu me entregue a ela, sem receio de me enganar [...]” (BRETON, 1985a, p. 34).

Com base na psicanálise freudiana, o surrealismo bretoniano desenvolve, assim, um modelo de escrita que produz uma síntese originária, por mais paradoxal que pareça, regida pela coexistência e complementariedade entre pensamento científico e pré-científico, sonho e realidade, *pathos* e *logos*, selvagem e civilizatório, prazer e realidade, bem como inconsciente e consciente (FRANCO; AZEVEDO, 2015). Com base nessa operação, busca sintetizar uma realidade maior (surrealidade), na qual o ser humano se emancipa da servidão do pensamento das formalidades da linguagem, a fim de registrar a sua condição prometeica e totalizante (CHÉNIEUX-GENDRON, 1992).

3 A escritura automática: da fenomenologia ao estruturalismo

Entretanto, o contato de Breton com os textos originais de Freud, traduzidos ao francês, a partir de 1920 – sobretudo *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (FREUD, 1966a), *O Chiste e suas Relações com o Inconsciente* (FREUD, 1966b), *O Ego e o Id* (FRED, 1996e) e *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1996d) –, reformula o seu pensamento em torno da linguagem. Antes, o precursor do surrealismo se apropriava da psicanálise para sistematizar a “selvageria do pensamento”, determinada pela mão que escreve como “jacto de tinta”, sublevando os códigos de representação, em favor da surrealidade (BRETON, 1985a). Agora, aprofunda ainda mais a transformação do edifício freudiano, com o objetivo de fundamentar um outro pensamento sobre a linguagem, embasado em reflexões sobre o sujeito, em termos de economia energética e da ligação (*Bindung*) que se expressa nessa dinâmica (CHÉNIEUX-GENDRON, 2002). Por meio dessa reformulação, a escrita automática cede lugar à escritura automática, estabelecida com base no estruturalismo, conforme se verifica em narrativas como *L’Imaculée Conception* (BRETON; ÉLUARD, 2011), *Introduction au Discours sur le peau de Réalité* (BRETON, 1992), *Revolver à Cheveux Blancs* (BRETON, 1932).

Com efeito, em *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1996d), Freud recorre ao conceito de ligação (*Bindung*) para designar, segundo Laplanche e Pontalis (1991), que “a própria energia livre, tal como é conhecida em psicanálise, não é descarga maciça de

excitação, mas circulação ao longo de cadeias de representações, implicando laços associativos” (p. 71). O trabalho de ligação corresponde, assim, à operação que limita o livre escoamento das excitações pulsionais, que liga as representações (*Verstellung*) entre si, bem como constrói e mantém formas associativas relativamente estáveis, isto é: trata-se do processo de transformação da energia livre em energia ligada - a passagem do estado de dispersão das excitações para o estado de integração - base para a organização do *Eu* a partir do *Isso*.

Em alusão a essa perspectiva, André Breton concebe a atividade automática como operação enunciativa, que atravessa, ainda em referência à associação livre, o enunciado que sustenta o eu: diz respeito, com base na dinâmica associativa (automática), ao trabalho diacrônico exercido sobre a cadeia sincrônica do discurso, o qual descentra, em termos de energética psíquica, a unidade do eu. Ao promover esse descentramento, a atividade automática se apresenta, assim, como expressão do *index* do para-além-do-sentido, que não seria estritamente da ordem do *non sense*, e sim do dizer inconsciente, que se articula ao dito e ao redito (consciente) a partir do trabalho do sujeito no interior da narrativa (VERECKEN, 1992).

Segundo essa perspectiva, André Breton emprega a psicanálise como estratégia para problematizar, em termos literários, a relação entre o ser humano e a linguagem, isto é: recorre a Freud para contestar – tal como Lacan viria a fazer, nos *Escritos* (LACAN, 1998e) – a objetivação do eu na linguagem, a partir do enaltecimento do dizer que desvela o ser, efeito para além das manifestações ordinárias de significado. Em certa medida, essa operação de abertura ao ser encarna, segundo Jacqueline Chénieux-Gendron (2015), algumas das proposições hermenêuticas de Heidegger presentes em *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 1927). Em tal obra, o filósofo alemão problematiza, com base na manifestação do ser, a relação entre o dito (*Sagen*) e o dizer (*Sprechen*), uma vez que não concebe este como instrumento revelado diretamente por aquele, e sim como acontecimento de linguagem, que dispõe da mais alta possibilidade de emergência do ser. Dessa maneira, a passagem do primeiro ao segundo consistiria no deslocamento do falatório (*Gerede*) - do discurso do impessoal - à língua fática (*Rede*), na qual o dito exprime-se, mas também o dizer é apreendido enquanto anúncio do ser (DUBOIS, 2005).

De sua parte, Breton também designa, a partir da energética freudiana, a experiência surrealista de linguagem como instância de revelação, pois sabe, conforme a autora citada, “que o ser (tal como diz Heidegger) compreende-se a partir de estrutura de antecipação, e a

linguagem configura-se como uma dessas estruturas” (CHÉNIEUX-GENDRON, 2015, p. 87). Desse modo, concebe o uso surrealista da linguagem - colonizando o pensamento de Heidegger - não apenas como apresentação do dito, articulado aos enunciados produzidos pelo eu, mas também como abertura ao ser-de-linguagem que habita a enunciação. Sendo assim, Breton atribui um papel originário à atividade literária, na medida em que a emprega como instância de abertura ao ser, enquanto revelação do para além da realidade.

Segundo a leitura de Jacqueline Chenieux-Gendron (2015), em consonância aos trabalhos de Anna Balakian, *André Breton: Magus of Surrealism* (BALAKIAN, 1971), e de Stamos Metzidakis, *Breton's Structuralism* (METZIDAKIS, 1996), o uso surrealista da linguagem não se encerra no campo hermenêutico. Conforme os autores, esse uso se configura como hermenêutica que se desloca ao estruturalismo, uma vez que se apresenta, em tal exercício de linguagem, esburacada categoricamente por um dos princípios fundamentais do pensamento estrutural: o trabalho do significante. Assim, o modo como o surrealismo cultiva o entre-dois existente entre o dito e o dizer demonstra que a sua operação sobre a linguagem não se limita, grosso modo, ao significado e ao para além do significado, conforme o embasamento da filosofia hermenêutica.

Pelo contrário, ela explora especificamente o espaço de ruptura entre a coisa significada e o signo, na medida em que constrói uma arquitetura textual na qual o conteúdo cede lugar à significação: ela rompe com significado postulado das palavras, em favor da inter-relação lógica entre significantes, na estrutura narrativa. Por assim ser, o surrealismo bretoniano desconstrói, tal como propõe a filosofia estruturalista, a condição imaginária da realidade – e daí o significado ordinário das palavras –, enaltecendo a própria linguagem no espaço e tempo da narrativa como conjunto operacional de significação definida pela combinatória de significantes. Assim, Breton escreve, em *Do Surrealismo em suas obras vivas* (BRETON, 1985b):

[...] É notório que o surrealismo, como movimento organizado, surgiu numa operação de grande envergadura sobre a linguagem. [...] Do que se tratava, então? De nada menos do que de encontrar o segredo de uma linguagem cujos elementos cessassem de se comportar como destroços na superfície de um mar morto [...] operação que tendia a restituir à linguagem a sua verdadeira vida, ou seja: para além do retorno da coisa significada ao signo que [...] a serviu, seria de remeter de uma vez ao nascimento do significante (BRETON, 1985b, p. 256).

Posto este novo uso surrealista da linguagem se implicar, como propõe a filosofia estruturalista, com os enigmas da forma e da formulação da linguagem, ele também cliva, conforme lê-se em *Introduction au Discours sur le peu de Réalité* (BRETON, 1992), a

unidade do eu. Dessa maneira, revela o descentramento do eu até o seu apagamento, de modo a defender que não haveria garantia de realidade para além da linguagem, e a promover a abertura ao ser-de-linguagem, o qual precisamente denominar-se-ia, em alusão ao quadro estruturalista, sujeito ou eu da enunciação (TURCANU, 1996). Transforma, tal como verifica-se em *Discours* (BRETON, 1992), o eu literário em um novo Teseu, que se encerra no labirinto de Creta – a própria estrutura de linguagem; mas, ao contrário do mito clássico, o Teseu surrealista perde-se (descentra-se) em tal labirinto, uma vez que não possui o fio condutor de Ariadne para lhe indicar o caminho de volta, ou para reconduzi-lo à soberania (imaginária) sobre os percursos revelados pela linguagem. Assim, promove a clivagem do eu até o ponto em que o Teseu “moderno” não encontra a resposta para a pergunta que se faz subjacente em todo o *Discours* (BRETON, 1992): Quem sou eu? Quem sou eu que escrevo? Quem fala quando falo, uma vez “perdido” nos caminhos labirínticos da linguagem?

Expressa-se, por um lado, a sincronia discursiva produzida pelo eu, orientada por enunciados fechados - compostos pelo sentido postulado das palavras. Entretanto, expressa-se também a diacronia do jogo entre significantes, interjacentes à estrutura narrativa, cujos efeitos discursivos revelariam não apenas o trabalho da significação, mas também o sujeito - efeito da combinatória entre significantes na estrutura narrativa. Sendo assim, o recobrimento imaginário do eu descentra-se em função da emergência simbólica do sujeito, dado pelo jogo de imagens verbais, bem como pelo arranjo entre significantes, na estrutura narrativa (TURCANU, 1996).

Com base nessa perspectiva geral, a reformulação da experiência surrealista da linguagem não se encerra na surrealidade, isto é, ela não designa a realidade enquanto síntese entre o pré-científico e o científico (CHÉNIEUX-GENDRON, 2015). Pelo contrário, ela sustenta a primazia do simbólico sobre o imaginário, na medida em que apreende a realidade não a partir da unidade ordinária de sentido, e sim por meio de rede de significações (*Carrefour de significations*), conforme Lacan viria a propor em *Formulações sobre a Causalidade Psíquica* (LACAN, 1998a), *Função e Campo da Fala* (LACAN, 1998b); *Instância da Letra* (LACAN, 1998d), dentre outros *Escritos* (LACAN, 1998e). Dessa maneira, poder-se-ia considerar - em referência a *Introduction au Discours sur le peu de Réalité* (BRETON, 1992), *L’Imaculée Conception* (BRETON; ÉLUARD, 2011), bem como a *Revolver à Cheveux Blancs* (BRETON, 1932) - que esse novo modelo surrealista da linguagem relativiza o imaginário em função da ordem simbólica, dada pelo trabalho do significante e do eu da enunciação. Sendo assim, ele ultrapassa o que Breton designa, ainda

em *Introduction au discours sur le peu de réalité* (BRETON, 1992), como *peu de réalité*, a realidade imaginária, em favor do *plus de réalité*, a realidade simbólica, em que opera a valorização da linguagem enquanto instrumento para dizer o não dito, no arranjo entre significantes.

André Breton desenvolve, assim, um modelo de linguagem que reorganiza a ordem de razões da ciência freudiana, uma vez que relaciona, ao seu modo, a teoria da libido, a dialética psíquica (inconsciente e consciente) e a linguagem. Dessa maneira, o surrealismo bretoniano edifica uma atividade que ressignifica o conceito de escrita (CHÉNIEUX-GENDRON, 2015). Com efeito, a atividade automática transitar-se-ia, segundo os fundamentos que a sustentam, do campo da escrita para o território da escritura. De um lado, concebe-se a escrita como construção de enunciados fechados, direcionados à mediação arbitrária do ser humano para consigo e os objetos, segundo o significado determinado das palavras: a escrita utiliza, conforme as referências elencadas, os signos como instrumento para designar a realidade e o ser humano, assim como para representar a natureza. A escritura viola, por sua vez, a semântica e a gramática – a ordem do enunciado –, em favor da ordem simbólica da linguagem, daí o trabalho de enunciação do ser que se produz e se inscreve na linguagem a partir da função criativa do significante. Sendo assim, a escritura automática carrega a marca do sujeito surrealista (eu da enunciação) que complementa, completa, acrescenta e paradoxalmente substitui não apenas o eu, mas também os efeitos discursivos que ele produz na estrutura narrativa.

Caberia interrogar, assim, se a subversão da teoria psicanalítica promovida pela escritura automática não se configuraria frutífera ao campo pós-freudiano, especialmente aos trabalhos de Jacques Lacan, no que diz respeito às problematizações em torno da linguagem, dos processos de subjetivação e da dinâmica do sujeito, no Retorno a Freud. Em outros termos, o terreno freudiano no qual Lacan cultivou e colheu - com instrumentos oferecidos pela linguística e pela antropologia estrutural - a teoria sobre o simbólico, sobre o trabalho do sujeito e do significante, não teria sido, antes, preparado pela escritura surrealista, de maneira que ela poderia se configurar como mediadora entre o trabalho do psicanalista francês e a teoria psicanalítica de Sigmund Freud? Ou, ainda, a experiência surrealista da linguagem não serviria como matéria-prima para Jacques Lacan formular, em conjunto com outras referências, uma reflexão sobre a linguagem e, por desdobramento, uma ontologia do sujeito, ausentes em Freud?

A chamada primazia do simbólico, desenvolvida por Lacan a partir dos anos 1950, em textos como *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (LACAN, 1998b), *Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (LACAN, 1998c) e *Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão Depois de Freud* (LACAN, 1998d), não refletiria o pensamento sobre a linguagem, apresentado por André Breton, sobretudo em narrativas como *Introduction au Discours sur le peu de réalité* (BRETON, 1992) e *Revolver à Cheveux Blancs* (BRETON, 1932)? A reflexão estruturalista de Jacques Lacan em torno dos processos de subjetivação e do sujeito estaria tão distante assim do pensamento estruturalista de André Breton, expresso a partir da escritura automática? Haveria, em suma, um gesto surrealista (bretoniano) na teoria psicanalítica de Jacques Lacan?

4 O retorno a Freud: Lacan leitor de Breton?

Com efeito, André Breton desenvolve uma experiência de linguagem (escritura automática) que, embora transforme o rigor nocional da psicanálise, contribui paradoxalmente, ainda assim, com o campo psicanalítico pós-freudiano, na medida em que equaciona pontos de tensão da ciência freudiana no que diz respeito à relação entre linguagem e dialética psíquica. Em *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900), Freud se interroga sobre como o trabalho de sonho (*Traumarbeit*) - e daí a dinâmica do inconsciente, de modo geral - desconsidera as categorias de contrários e contradições, pois nesse processo as representações opostas são designadas a partir de um único elemento (MACHADO, 2015). Em outros termos, mesmo que essa operação produza - por meio da condensação (*Verdichtung*), do deslocamento (*Verschiebung*) e da figurabilidade (*Darstellbarkeit*) - uma formação onírica contrária ao desejo, ela consiste, ainda assim, em sua realização. Sendo assim, quando no sonho aparece uma negação ou oposição à realização de algum desejo, "não há maneira de decidir, num primeiro relance, se determinado elemento que se apresenta por seu contrário está presente nos pensamentos do sonho como positivo ou negativo" (FREUD, 1996, p. 161).

Mais tarde, no artigo *Sobre a Significação Antitética das Palavras Primitivas* (FREUD, 1996), Freud busca elucidar essa problemática ao estabelecer analogia entre esse processo onírico e o desenvolvimento da linguagem, levando em consideração as particularidades de línguas de civilizações antigas. Especificamente, o psicanalista teria descoberto certa correspondência entre o processo do sonho e a semântica das línguas 'primitivas', nas quais um mesmo signo designa, ao mesmo tempo, uma coisa e o seu contrário - tal como ocorre no trabalho onírico (BENVENISTE, 1956). A partir dos estudos

de Carl Abel, Freud compreende que a língua egípcia arcaica possui, com efeito, palavras que expressam “duas significações, uma das quais é o posto exato da outra” (FREUD, 1996c, p. 162), servindo, assim, de paradigma aos fenômenos do inconsciente. Dessa maneira, seria “plausível supor, também, que a significação antitética original de palavras revele o mecanismo pré-formado que se explora com finalidade várias nos lapsos de linguagem de que resulta dizer-se o oposto” (FREUD, 1996c, p. 166).

Entretanto, tais manifestações de linguagem se mostram contestáveis quando confrontadas com dados concretos das línguas históricas, tal como Émile Benveniste argumenta no artigo *Função da Linguagem na Descoberta Freudiana* (BENVENISTE, 1956). Com efeito, o linguista ressalta que qualquer língua opera por meio do princípio de contradição, na medida em que se configura, estruturalmente, como sistema de diferenças em que não há positividade ou negatividade, isto é: a contradição, a oposição, bem como o ilogismo estão inscritos na própria natureza do signo linguístico, não sendo possível particularizá-los em uma língua específica, apenas em função de sua origem arcaica. Dessa maneira, a prerrogativa em questão não é exclusiva apenas das línguas de civilizações antigas, já que se faz presente em todo e qualquer sistema linguístico.

Diante dessa tensão conceitual que permeia a ciência freudiana, Benveniste salienta, ainda no artigo em questão: o que Freud buscou esclarecer equivocadamente por meio da linguagem “histórica” seria, entretanto, elucidado validamente pela experiência surrealista da linguagem, edificada a partir das releituras que o surrealismo promove da teoria freudiana, tais como a proposta por André Breton:

[...] Certas formas de poesia podem aparentar-se ao sonho e sugerir o mesmo modo de estruturação, introduzir nas formas normais a linguagem essa indeterminação do sentido que o sonho projeta nas nossas atividades. Nesse caso, paradoxalmente, é no surrealismo poético – que Freud, no dizer de Breton, não compreendia que ele teria podido encontrar algo do que procurava a esmo na linguagem organizada (BENVENISTE, 1970, p. 90)

Se Freud insiste em transpor o que lhe parece ‘primitivo’ no homem, isto é, a condição inconsciente do psiquismo, “[...] em um primitivo de origem, pois é exatamente na história desse mundo que ele projeta aquilo a que se poderia chamar de uma cronologia do psiquismo humano” (BENVENISTE, 1970, p. 90), o surrealismo bretoniano, por sua vez, ultrapassa essa perspectiva, uma vez que concebe, a partir da escritura automática, a dinâmica do inconsciente para além de sede primordial, como estrutura regida formalmente pela linguagem. Com efeito, ela se atualizaria por meio dos elementos do significante; da diacronia e sincronia do discurso; do jogo entre enunciado e enunciação; assim como das figuras de

linguagem que contradizem a lógica do signo (metáfora, metonímia etc.). Ecoando a releitura da ciência freudiana, feita por Jacques Lacan (“o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”), André Breton desenvolve, assim, uma experiência de linguagem que concebe a dialética psíquica – inconsciente e inconsciente – a partir de operações estruturais de linguagem, as quais não apenas intercessoram o estatuto imaginário da palavra, a partir de sua condição simbólica, mas também apresentam o ser (ôntico) que se inscreve, revela-se e flutua na combinatória de significantes – posto efeito de significação.

Segundo Peter Bürger (2001), essa teoria bretoniana sobre a linguagem se articula com as ideias de Jacques Lacan, uma vez que, na renovação da prática clínica freudiana (o chamado Retorno a Freud), o psicanalista francês também designa, em consonância ao surrealismo, a palavra como face de Janus (ANTUNES, 2001): de um lado, sua frente mostra-se “muro linguístico”; de outro, seu rosto revela-se ordem simbólica (ANTUNES, 2001). Conforme escreve em *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (LACAN, 1998b), a fala se modela pelos traços imaginários e identificatórios, na medida em que é subordinada às formas do sintoma: assume a fisionomia que aliena o ser humano em relação à verdade sobre o seu ser. Essa feição delinea-se, assim, pela linguagem instrumental, comunicacional, que se perde nas objetivações do discurso e daí destitui o ser humano de sua singularidade ontológica. A linguagem ultrapassa, por sua vez, os *muros* da alienação, posto a sua aparência se mostrar função simbólica: compõe-se pelas palavras extraídas do entrecruzamento da enunciação (diacronia) com o enunciado (sincronia). Caracteriza-se, assim, pelo emprego singular das leis que articulam os elementos da língua, que revelam - muito mais do que expressam - o estilo e a marca próprios de existência do ser. Sendo assim, Lacan estabelece duas funções distintas para a palavra, as quais incorporam-se, conforme as suas próprias razões, à idealidade da escritura automática, desenvolvida também com base na teoria freudiana: localizada no eixo imaginário, a palavra opera como instrumento de mediação entre o eu e o outro, tal como *le peu de réalité* surrealista; ao passo que trabalha, posicionada no eixo simbólico, como instância de revelação do ser no campo do outro, em referência ao *plus de réalité* - próximo ao que o precursor do surrealismo expressa em *Introduction au discours sur le peu de réalité* (BRETON, 1992), mas que também se faz subjacente em *Revolver à cheveux blancs* (BRETON, 1932).

A reciprocidade entre ambos os pensamentos (lacaniano e bretoniano) ainda se aprofunda ao se considerar a convergência entre a teoria surrealista da linguagem - presente,

por exemplo, em *Introduction au discours sur le peu de réalité* (BRETON, 1992), e a estrutura epistemológica que Lacan apresenta em *Função e Campo da Fala* (LACAN, 1998b). Esse texto se configura, em linhas gerais, como crítica à Psicologia do Ego e ao objetivismo da ciência, edificada por meio da remodelação da ciência freudiana, conforme argumentos que transitam da hermenêutica heideggeriana ao estruturalismo - como também se verifica na escritura automática. Com base em Heidegger, o psicanalista francês articula palavra e verdade segundo uma lógica fundamental ao dispositivo analítico: a partir da fala do analisando, admite que a segunda não se encontra na objetividade da primeira - na exatidão do significado -. A verdade residiria na possibilidade de a palavra revelar o ser. Essa concepção lacaniana ressoa, segundo Tlatli (2000), a teoria da linguagem surrealista, posto que ambas compreendem o ser a partir de estruturas de antecipação, as quais obstruem o sentido dado do enunciado em favor do dizer que se articula com o dito. Sendo assim, as proposições apresentadas por Lacan nos anos 1950, a partir da releitura da obra freudiana, à luz de Heidegger, carregariam o gesto surrealista que caracteriza a escritura automática – proposta por André Breton, a partir dos anos 1930, também com base em Freud e fazendo bordas ao pensamento heideggeriano.

Ainda em consonância com as formalidades teóricas da escritura automática, a teoria do inconsciente lacaniano também compreende, em si, uma concepção sobre o sujeito - do ser que se realiza e inscreve na combinatória de significantes, dos representantes da pulsão. Haveria, nessas considerações de Lacan acerca da linguagem, outra aproximação com os fundamentos daquela filosofia da linguagem de Breton, sobretudo no que diz respeito ao sujeito da escritura automática. O sujeito lacaniano, assim como o sujeito surrealista, seriam ambos efeitos do significante. Na psicanálise lacaniana contida no Retorno a Freud, a noção de significante assume, em paralelo ao surrealismo, posição central no que diz respeito à fenomênica do inconsciente: sendo o inconsciente estruturado como linguagem, o significante assume uma primazia no interior da estrutura discursiva, por meio da qual o sujeito constrói-se, reconstrói-se e redefine-se, tal como observamos em *Introduction au discours sur le peu de réalité* (BRETON, 1925).

A partir de Freud, tanto para o surrealismo bretoniano como para a psicanálise lacaniana, relativamente ao ser, a linguagem é igualmente determinante, de maneira que poderíamos afirmar: *le sujet y est parlé plutôt qu'il ne parle* (o sujeito é mais falado do que fala). Essa citação poderia estar perfeitamente inserida na narrativa de André Breton, caso fosse de sua autoria; no entanto, ela está presente em *Função e Campo da Fala e da*

Linguagem em Psicanálise (LACAN, 1998b). Reciprocidade entre dois pensamentos em torno da ciência freudiana? Ao retomar o questionamento de Breton no *Discours sur le peu de réalité* (BRETON, 1992): "Que me importa o que se diz de mim se eu não sei quem fala, a quem eu falo e no interesse de quem nós falamos?", assim como a frase de Lacan escrita em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (LACAN, 1998c), "“Quem está falando?”" quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois essa resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência da análise" (LACAN, 1998c, p. 815); não poderíamos supor que, para além da certa intertextualidade entre as interrogações, a resposta seria a mesma, tanto em Breton como em Lacan: sobre o sujeito fala o ser de significância, que encontra expressão a partir do arranjo entre significantes?

Observa-se, sem dúvida, a existência de uma certa homologia entre as ideias de Lacan e o surrealismo, no que tange à concepção de sujeito e a linguagem: para ambos, o sujeito é efeito do arranjo entre significantes, da articulação discursiva entre enunciado e enunciação. Assim, poder-se-ia encontrar uma relação etiológica entre ambos os pensamentos? Em consonância com Soraya Tlatli, em *Le Psychiatre et ses Poètes: Essais sur le Jeune Lacan* (TLATLI, 2000), e Jean-Claude Maleval, em *De La Contribution Latérale: Lacan et le Surréalisme* (MALEVAL, 1992), um embasamento para esses questionamentos, na própria fala de Jacques Lacan. No seminário *Les non-dupes errent* (LACAN, 1974), especificamente na lição proferida em 19 de março de 1974, o psicanalista relembra a sua relação com o surrealismo durante os anos 1940:

[...] Se eu tivesse dito o que pensava, a saber que com a linguagem, eu quero dizer me servindo dela, o que eles [surrealistas] demoliam era o Imaginário, o que eu não teria produzido. Eu talvez os teria despertado. Despertado simplesmente, de sobressalto, nisto de que eu me encontraria realmente a dizer, que de um a outro, do Imaginário ao Simbólico, de cuja existência eles não suspeitavam, acabaram por reestabelecer a ordem. (LACAN, 1974 *apud* MALEVAL, 1992, p. 204, tradução nossa).

A partir dos anos 1950, com *Discurso de Roma* (LACAN, 1998b), Lacan rompe conceitualmente o vínculo entre o simbólico e o social, isto é: elege o simbólico como primazia da linguagem. Ora, seria essa supremacia do simbólico sobre o imaginário que o psicanalista também “esclareceria” ao surrealismo, conforme o excerto: “reestabelecer ‘a ordem’ do imaginário ao simbólico significa afirmar que a poesia surrealista não é produto da subjetividade, e sim que é regida pelo simbólico – o jogo dos significantes” (TLATLI, 2000, p. 13, tradução nossa). Entretanto, a sua revelação sobre o uso surrealista da linguagem se mostra, ainda segundo Tlatli (2000), anacrônica, na medida em que ainda não possuía, nos

anos 1940, os recursos epistemológicos fundamentais – que aparentava dominar (“se eu tivesse dito o que pensava”) - para a definição categórica do imaginário ou do simbólico, e daí também para “despertar” o surrealismo da ingenuidade em relação a tais ordens. Com efeito, as pesquisas de Lacan se centravam, nesse contexto, ainda na “psicologia concreta”, dominada pela primazia das imagos, e não pelo trabalho do significante e do sujeito, conforme Maleval (1992) salienta. Dessa maneira, o paradoxo reside no fato de ser impossível para Lacan apresentar, nos anos 1940 - a teoria do simbólico, posto ser apenas com base no estruturalismo, sobretudo com a leitura de Lévi-Strauss e Saussure, a partir dos anos 1950, que a sua compreensão sobre esse registro se edifica.

Simples confusão de datas ou de conceitos? Aparentemente, esse anacronismo se deve à relação particular que Lacan estabelece com o surrealismo, verificável ainda por meio do excerto do seminário de 1974. Trata-se de uma relação especular, na medida em que o psicanalista se identifica com a produção poética surrealista, isto é: Lacan não apenas se reconhece, mas também expressa compreender categoricamente - antes mesmo de acessar o estruturalismo - a maneira como Breton concebe, embora sob a forma de intuição conceitual, a abertura ao campo simbólico a partir do imaginário. Essa identificação do psicanalista para com o precursor do surrealismo verifica-se, conforme os autores citados, no último parágrafo do excerto, no qual esperar-se-ia, segundo a norma gramatical, a seguinte formulação: “Se eu tivesse dito aquilo que pensava [...] eu os teria talvez despertado. Despertados simplesmente de sobressalto a isso [...] que [...] eu lhes encontraria realmente a dizer.” (LACAN, 1974 *apud* MALEVAL, 1992, p. 204, tradução nossa). Caso fosse empregada por Lacan, a relação entre o pronome objeto (“lhes”) e o pronome sujeito (“eu”) estaria mantida corretamente, isto é: o primeiro faria menção ao surrealismo enquanto objeto; ao passo que o segundo designaria o próprio Lacan como sendo o sujeito. Essa relação sintática não é, entretanto, privilegiada pelo psicanalista, uma vez que faz uso do pronome reflexivo “me”: “[...] eu me encontraria realmente a dizer” (LACAN, 1974 *apud* MALEVAL, 1992, p. 204, tradução nossa). O emprego dessa formulação designa, ao mesmo tempo, Lacan e os surrealistas. Sendo assim, a ordem simbólica, referente ao inevitável determinismo da linguagem sobre o sujeito, que Lacan edifica durante os anos 1950, em textos nevrálgicos dos *Escritos* (1998e), seria compreendida como encontro marcado do psicanalista consigo mesmo, por meio do surrealismo. No Retorno a Freud, a relação de Lacan com a literatura surrealista, cuja compreensão prematura do simbólico - e daí do trabalho do sujeito e do significante – permite

se reconhecer, em seu próprio trabalho de releitura da obra freudiana. Em outros termos, ainda segundo Maleval:

[...] o que Lacan sustenta no seminário de 1974, sobre a inaptidão da poesia surrealista em conceber o vínculo entre o imaginário e o simbólico, pode, assim, ser interpretado como uma forma de encontro de Lacan para consigo mesmo, por meio do surrealismo (MALEVAL, 1992, p. 197, tradução nossa).

Esse encontro entre Jacques Lacan e o surrealismo não ocorreria, no chamado Retorno a Freud, a partir de *Instância da Letra no Inconsciente ou Razão desde Freud* (LACAN, 1998d), *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (LACAN, 1998b), *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (LACAN, 1998c), entre outros textos? Em *Instância da Letra* (LACAN, 1998d), o psicanalista apresenta a sua proximidade e distanciamento em relação à experiência surrealista de linguagem - especialmente à metáfora surrealista (TLATLI, 2000):

Digamos que a poesia moderna e a escola surrealista deram um grande passo, demonstrando que toda a conjunção de dois significantes seria equivalente para constituir uma metáfora, se a condição do maior disparate das imagens significadas era exigida para a produção da fâsca poética, dito de outra maneira, para que a criação metáfora tenha lugar. Decerto, essa posição radical se funde sobre uma experiência dita da escritura automática, que não teriam sido tentadas sem a segurança de que seus pioneiros partilhavam da descoberta freudiana. Mas ela permanece marcada pela confusão pois a doutrina lhe é falsa (LACAN, 1998d, p. 510).

Nesse trecho, a noção de atividade automática é reduzida a simples aplicação audaciosa, bem como falsa, da noção freudiana do inconsciente - “não teriam sido tentadas sem a segurança de que seus pioneiros partilhavam da descoberta freudiana” (LACAN, 1998d, p. 510). Entretanto, nota-se que o argumento de Jacques Lacan está invertido: em primeiro lugar, ele aprova a indiferença da poesia surrealista com respeito às unidades que constituem a metáfora - “toda conjunção de significantes é equivalente para a criação metafórica” (LACAN, 1998d, p. 510); em um segundo momento, ele aproxima a atração que a poesia testemunha para com o “maior disparate das imagens significadas” (LACAN, 1998d, p. 510). Um motivo de ordem estética preside, então, na escolha das palavras: parece, no excerto de Lacan, que a poesia moderna - e daí a poesia surrealista - tenha pressentido sua concepção de metáfora, sem cumprir o salto categórico exigido por sua teoria (TLATLI, 2000).

Apesar das possíveis articulações genéticas (GOLDSCHMIDT, 1963) entre o pensamento de André Breton e Jacques Lacan em torno da releitura da obra freudiana, é certo que ambos apresentam, entretanto, divergências entre si. Mesmo com esse movimento de aproximação e distanciamento, os textos de Jacques Lacan seriam, conforme a

problematização, mais bem compreendidos se levar-se em conta que, por detrás de seu Retorno a Freud, subjazeria a influência do surrealismo bretoniano - e daí da escritura automática -, também edificado a partir da ciência freudiana. Tratar-se-ia de promover um descentramento das ideias de Jacques Lacan, tomando como referência seus próprios seminários e demais *Escritos* (LACAN, 1998e), em função do surrealismo; ao mesmo tempo, tomando como estímulo investigativo o fato histórico: em 2005, no processo de abertura ao público dos arquivos de André Breton, na *Rue de la Fontaine* nº 52, encontra-se uma cópia datilografada do *Discurso de Roma* (LACAN, 1998b), com dedicatória e assinatura de Jacques Lacan, para o precursor do surrealismo (CHÉNIEUX-GENDRON, 2015).

Considerações finais

Conforme pontua José Bairrão, em *O Impossível Sujeito* (2004), “[...] se outros se permitem ignorar o que a época lhes põe debaixo do nariz, esse não é o caso de Lacan [...]” (BAIRRÃO, 2004, p. 174). Com efeito, Lacan sempre esteve em diálogo com diversos interlocutores que compunham o espírito de sua época, sendo tais articulações reconhecidas por si mesmo ou não. Segundo essa perspectiva, o trabalho busca investigar a relação entre a psicanálise e o espírito de sua época, orientando-se pela problematização da confluência que as ideias de Jacques Lacan estabelecem com outros movimentos intelectuais de seu tempo. O surrealismo de André Breton, tanto como a psicanálise lacaniana, exercem uma crítica epistemológica à psiquiatria e à teoria psicanalítica, hegemônicas no começo do século XX. Nesse processo revisório, ambos empregam, à luz da obra freudiana, a linguagem – e daí a filosofia (Husserl, Heidegger, Lévi-Strauss) e a linguística (Saussure), entre outras teorias – para criticar a realidade psíquica, a relação do ser humano com a realidade sócio-histórica, assim como para remodelar a compreensão dos processos de subjetivação. A partir dessa proximidade, verifica-se uma articulação conjuntiva entre conceitos de ambos os pensamentos, posto ser apreensível uma ordem genética (GOLDSCHMIDT, 1963) entre a totalidade das reflexões de André Breton e algumas ordenações das ideias de Jacques Lacan, determinada pelo fato de coexistirem e estabelecerem uma relação matricial entre si no processo de leitura crítica da obra freudiana.

Sendo assim, o trabalho almeja contribuir para o desenvolvimento de uma leitura matricial da psicanálise lacaniana, na medida em que problematiza a estrutura do Retorno a Freud, em função da implicação com o logos de sua época, e daí com outros atores também inseridos nessa racionalidade - no caso, André Breton e suas proposições em torno da

linguagem, feitas a partir de Freud. Essa leitura oferece, em suma, uma compreensão dinâmica do edifício lacaniano, no sentido em que apresenta a coerência entre a sua estrutura interna e as suas partes externas (o surrealismo), concebidas como elementos interrelacionáveis com aquela.

Como desdobramento dessa perspectiva, o artigo também contribui para os estudos interdisciplinares, posto que se aproxima dos trabalhos que exploram as relações epistemológicas entre literatura e psicanálise - e daí entre o surrealismo bretoniano e a psicanálise lacaniana. Conforme Rosenfield (1989), as interrogações sobre a existência humana, implícitas nos textos literários, fazem da literatura um modelo de discurso que, embora não seja conceitual ou sistêmico, tal qual a filosofia ou a ciência, exemplifica, ainda assim, a complexidade da subjetividade e dos processos de subjetivação, configurando-se, então, como pedra de toque para a natureza nocional da psicanálise.

Segundo Soraya Tlatli, em *Le psychiatrie et ses poètes: essai sur le jeune Lacan* (TLATLI, 2000), a articulação entre a teoria lacaniana e a literatura se mostra profunda, uma vez que “[...] quanto mais Lacan se inscreve no campo da linguística, mais ele também utiliza a poesia como argumento de autoridade”, de maneira que “[...] não haveria mais demarcação - segundo verifica-se em *Instância da Letra* (LACAN, 1998d) - entre o discurso poético e o discurso inconsciente” (TLATLI, 2000, p. 23, tradução nossa). Assim, investigar a hipotética influência da experiência surrealista da linguagem, como proposta por Breton, a partir de Freud, sobre a construção lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem - desenvolvido no *Retorno a Freud* -, contribuiria para a compreensão filosófica (GOLDSCHMIDT, 1963), e daí epistemológica, desse paradigma, em função da influência da experiência literária - especificamente, surrealista - em sua construção.

Referências

- ANTUNES, J. P. *Tradução comentada de O surrealismo francês de Peter Bürger (1971)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- BAIRRÃO, J. M. F. H. *O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente*. São Paulo: Rosari, 2004.
- BALAKIAN, A. *André Breton, Magus of surrealism*. Nova York: Oxford Univers, 1971.
- BONNET, M. *André Breton: naissance de l'aventure surréaliste*. Paris: Corti, 1975.
- BONNET, M. La rencontre d'André Breton avec la folie, Saint-Dizier, août-novembre 1916. In: HULAK, F. *Folie et psychanalyse dans l'expérience surréaliste*. Nice: Z'Éditions, 1992. pp. 115-136
- BRETON, A. Do Surrealismo em suas obras vivas. In: BRETON, A. *Manifestos do Surrealismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985b. pp. 221-231.

- BRETON, A. *Entrevistas*. Conversas radiofônicas com André Parinaud e outras entrevistas. Lisboa: Salamandra, 1994.
- BRETON, A. Introduction au discours sur le peu de réalité. In: BRETON, A. *Point du jour*, Oeuvres Complètes II, Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1992. p. 265-280.
- BRETON, A. *Le revolver à cheveux blancs*. Paris: Cahiers libres, 1932.
- BRETON, A. Manifesto do Surrealismo. In: BRETON, A. *Manifestos do Surrealismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985a. pp. 31-82.
- BRETON, A. *Surréalisme et la peinture*. Paris: Folio, 2002.
- BRETON, A.; ÉLUARD, P. *L'Imaculée Conception*. Paris: Seghers, 2011.
- BRETON, A.; SOUPAULT, P. *Les Champs Magnétiques*. Paris: Gallimard, 1968.
- BENVENISTE, E. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In: BENVENISTE, E. *Problemas gerais de linguística*. São Paulo: Editora Nacional, 1970. pp. 81-96.
- CARDINALI, R. F. *O Surrealismo na Formação do Conceito de Real em Lacan*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- CHÉNIEUX-GENDRON, J. L. Envers Du Monde, L'Envers De La Langue: Un "travail" surréaliste. In: WERNER, S. *La Révolution Surréaliste*. Paris: Centre Pompidou, 2002. pp. 349-359
- CHÉNIEUX-GENDRON, J. Jacques Lacan, o "Outro" de André Breton. *Revista Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, [s.l.], v. 29, p. 83-97, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/x2/article/view/2351/2216>. Acesso em : 22 jul. 2022.
- CHÉNIEUX-GENDRON, J. *O Surrealismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DUBOIS, C. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DUROZOI, G.; LECHERBONNIER, B. *O Surrealismo: teoria e técnica*. Coimbra: Almedina, 1976.
- FRANCO, R. E.; AZEVEDO, D. A. Walter Benjamin e o Surrealismo. In: MACHADO JUNIOR, R.; VEDDA, M.; MACHADO, C. E. J. (org.). *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2015. pp. 231-242.
- FREUD, S. Sobre psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago, 1996a. pp. 13-237.
- FREUD, S. O Chiste e sua relação com o inconsciente. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996b. pp. 11-233.
- FREUD, S. (1996). A significação antitética das palavras primitivas. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1996c. pp. 157-166.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas* Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. pp. 17-78.
- FREUD, S. O Ego e o Id. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996e. pp. 15-82.
- GOLDSCHIMIDT, V. Tempo Histórico e tempo lógico na interpretação de sistemas filosóficos. In: GOLDSCHIMIDT, V. *A Religião de Platão*. São Paulo: Difusão Européia de Livro, 1963, pp. 139-147.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo (1927), Partes I e II*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. pp. 152-196.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. pp. 229-237.
- LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiana. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. pp. 807-842.

- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d. pp. 496-536.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998e.
- LAPLANCHE, J. P.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MACHADO, B. F. A. Benvenistes, Lacan e o estruturalismo: sobre o sentido antitético das palavras primitivas. *Revista Alfa*, [s.l.], v. 1, n. 59, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/wpp7KzxyR8RTbdcBd8CT9Qn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- MALEVAL, J. De la Contribution Laterale: Lacan et le surréalisme. *In*: HULAK, F. *Folie et Psychanalyse dans L'Expérience Surréaliste*. Nice: Z'Éditions, 1992. pp. 197-205
- METZIDAKIS, S. Breton's structuralism. *L'esprit Créateur*, [s.l.], v. 36, n.4, p. 32-42, 1996.
- PORTILHO, J. L. *Lacan e o Surrealismo: Inspirações para um Conceito de Objeto*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- RÉGIS, E; HESNARD, A. *Psychoanalyse des névrose et des psychoses*. Paris: l'Harmattan, 2002.
- RÉGIS, E. *Précis de Psychiatrie*. Paris: O. Doin, 1923.
- ROSENFELD, K. *A linguagem liberada: estética, literatura e psicanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.
- ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França: A Batalha dos Cem Anos Volume 2: 1925-1985*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- TLATLI, S. *Le Psychiatrie et ses poète: Essai sur le Jeune Lacan*. Paris: Tchou, 2000.
- TURCANU, R. Qui parle? Le peu de réalité surréaliste et lalangue psychanalytique. *Pleine Marge*, [s.l.], v. 24, p. 21-34, 1996.
- VERECKEN, C. Le Surréalisme en Question ou D'Une Certaine confusion d Parlêtre et du Mot. *In*: HULAK, F. *Folie et Psychanalyse dans L'Expérience Surréaliste*. Nice: Z'Éditions, 1992, pp. 17-20

Recebido em: 22/05/2023; **Aceito em:** 27/07/2023.